Imbróglio fantapolítico

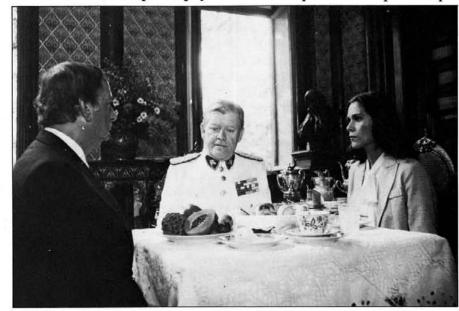
Meu caro editor,

Interessei-me pela crítica do diplomata Edgar Telles Ribeiro sobre a estrutura dramática de Tensão no Rio, embora a achasse um pouquinho acadêmica, contando a estória do filme e tudo. E evidente que sendo um filme experimental, como também o era O Bravo Guerreiro e Uirá, não é o reconhecimento generalizado seu objeto principal. Além do que, os anos tornam os sentimentos finos e o couro grosso. Lembro sempre do tempo em que O Bravo Guerreiro era elogiado em Nova Iorque por Susan Sontag ou em Roma por Jean-Marie Straub e esculhambado aqui pela crítica local. Nunca mandei publicar na coluna do Zózimo que Claude Levy-Strauss viu e gostou de *Uirá*, em Paris, no clássico Studio des Ursulines. Pequenos, secretos orgulhos... Mas voltando ao filme, devo dizer que apesar do interesse pela prosa do nosso professor de cinema, continuo aguardando uma crítica sobre o objeto fílmico e não sobre sua anedota.

Como as referências do filme são Topázio, de Hitchcok, e Los Ambiciosos, de Buñel, a alusão ao bempensante cinema político europeu a esquerda com cachimbo — é descabida. De fato, a proposta dramatúrgica de Tensão (tratar o real como uma história em quadrinhos "fantapolítica", montar uma comédia dramática, distanciada, a partir dos clichês da latinidade) não tem nada a ver com "sutilezas cromáticas". Poucas coisas me comovem no cinema como a bocalidade dos mestres: ainda outro dia revi, no Cineclube Macunaíma, La Régle du Jeu, do corpulento Renoir, onde a sedutora Lisette, empregadinha do castelo e pólo erótico do filme, aparece pelo menos duas vezes mordendo um maçã enquanto tenta patrões e criados.

Quanto à verossimilhança, já imaginou se fôssemos jogar fora O Cangaceiro, do alucinadamente genial Lima Barreto, só porque na vida real os brigantes andavam a pé e não a cavalo? Eu não estava elaborando um tratado de fronteiras mas delirando uma trama, sem preocupações

os outros dois terços, fotografados pelo instigantemente lírico Antonio Luís, era Pel-Mex. Vai daí que embora tenham passado pelo roteiro as mãos ilustres de Jorge Duran ou, ainda que fugazmente, o brilho de Claudio Bojunga, não seria chique comprometêlos com o imbróglio que eu mesmo montei. E montei mesmo, com a autoridade que me dão os prêmios que



Tensão no Rio: Flavio Sabag, Anselmo Duarte, Ana Maria Magalhães

com a política externa das ditaduras latino-americanas, que não carecem de estudos profundos. Veja só como nosso brilhante "pragmatismo responsável" não nos impediu de dever até as calças.

Mas a respeito do roteiro, terreno em que o nosso Edgar excede, queria precisar que a estrutura dramática padece da interrupção de um ano
que foi imposta às filmagens pelo
também diplomata Celso Amorim.
E um filme interrompido, quando é
retomado, só tem uma preocupação:
viabilizar-se. Eu brincava sempre dizendo que o primeiro terço do filme,
fotografado pelo requintado Murilo
Salles, com movimentos de gruas,
plantos-seqüências, fotografia "hiper" etc, era estilo Columbia e que

acumulei quando praticava o delicado artesanato do corte e costura de imagens e sons e a valiosa interlocução de Aida Marques e Hercilia Cardillo.

E tem mais: a manter-se esta linha editorial de convidar profissionais
do assunto para tratar dos temas dos
filmes, tenho sugestões a fazer. Gostaria de ler nos próximos números a
crítica de um geólogo sobre *Chico Rei*,
aurífera reconstituição histórica de
Walter Lima Jr. e sobretudo os comentários de Castor de Andrade sobre o zoófilo *Rei do Rio*, de Barreto,
o Jovem.

"Cordially yours"

Gustavo Dahl